

The background of the entire cover is a photograph of two white wolves. One wolf is in the upper left, looking towards the right with its mouth slightly open, showing its teeth. The other wolf is in the lower right, looking up towards the first wolf. The entire image is overlaid with a semi-transparent red filter. The title is written in large, bold, black capital letters on the right side of the image.

# **AS DORES CRÔNI CAS**

DE GABRIEL BERTHIER

# AS DORES CRÔNICAS

Como a um vendaval, estes escritos se assemelham  
Vindos de um lugar qualquer de meu peito ou entranhas  
Algo que me ponteia, reclama, emerge e assanha  
E exige sair súbito e que de alguma forma, postumado, o vejam

Há cá um pouco de mim em cada estrofe, frase e letra  
Em cada trecho pouco mais que mero pesar e arrepio  
Pois se falhei em expressar em voz meu pensar latente e vadio  
Nada que não se corrija com a cautela do papel e caneta

Este trabalho, se assim o chamar, é fruto da insônia  
Um conjunto irregular de textos de quem não trabalha nem sonha  
Posto de maneira parva, disfuncional e anacrônica

Feito de forma esdrúxula como quase toda boa literatura  
Esta coleção se alimenta, reproduz e morre, como toda criatura  
E se interessar-lhes cultivá-la, deixo a vocês: as minhas Dores  
Crônicas.

- Gabriel.

# AS DORES

céu

Um céu, um céu estrelado é o que tu és  
Um céu inteiro sobre mim  
E meus dedos são um cometa frio e rápido  
Abrindo tua roupagem azul escura

Meus beijos são estrelas explodindo pelo cosmos  
Perturbações que tiram teu fôlego, mas  
Que pertencem às nossas naturezas  
Vistas apenas nesse emaranhado de lençol azul entre nossos pés

Minha cama te reflete inteira nos teus mais variados climas e, como  
eu, ela sabe que é sempre tempo de ti  
Quando não, esse oceano de pano desarrumado pede por sacrifício e me  
engole com o mais cruel afinco  
Na esperança de tomar outro dia para ter o céu repousando sobre si

E te ver pairar um mundo inteiro com esse sorriso malicioso é  
contemplar o universo domando a paz em mim  
Tu dominas todas as terras do meu corpo  
Do norte ao sul austral tu me cobres e eu te toco  
Toco-te tão intensamente que entro céu adentro  
Buscando neste istmo a direção das tuas constelações e o apalpar da  
tua boca em mim  
O anseio de descobrir a extensão desse céu  
De saber até onde vai e vê-lo tão lindo  
Resplandecendo no clarão de uma aurora  
Sentado no colo de um amor tão infinito

Meu céu balanceia todo esse mar de edredons  
E dá-me na voz sua melodia doce  
Molha-se com a mais sincera satisfação  
E eu devoto-me, aos teus pés pedindo mais  
Implorando pelos beijos ardentes  
E uma eterna prisão aqui  
Embaixo de suas coxas  
Um céu azul inteiro  
Que rogo agora e sempre  
Que não me deixe jamais

## **maquinário**

As engrenagens do teu cérebro  
São luzes de LED azul  
O torpor léxico num tom de ébrio  
Foge-te os braços, rumando ao sul

O vinho já não esquentas;  
O verão, se é que acalenta  
Deita à noite seu sonho nu

Retumbante em teu achismo  
Se te tomares o cataclismo  
Te verás envelhecido o corpo cru

Que não viveu para se ter mais de si  
Que não ornou a boemia plena  
Vedes que se a alma é pequena  
Não se vale a pena nem ter donde partir;

Ruma, maquinário!  
(E logo!)

O pedinte - sanguinário  
Cobraré até o último dia de trabalho  
Que deixou-lhe de cumprir

Se te faltares imaginário  
Verás que de cá não faz falta  
As manhãs de labor diário  
Têm suas pequenas telas a zunir

Frio, café ou poesia  
Destino adentro desta manhã gloriosa  
Inda que tão indecorosa seja  
Como o cão se coloca a grunhir!

Esta é tua vida? Compôs-te qual o fecho  
Não havendo porta ou deixo  
Escancara-te afora  
Não havendo outra esmola  
Não há mais que se pedir  
- com pequenas dores, ora

Cochila teu bom sonho, mancebo  
Descansa tuas luzes azuis

O dia vem n'outro  
Sufocar-se aos poucos  
Ao toque de chá, café e blues

**texto pouco profundo**

Eu olho para o céu e abismo  
Eu olho para o futuro  
Abismo  
Os pés que calcam a terra sentem o declínio e se recluem em medo  
Vejo milhares de futuros imprecisos e tomo abismado cada um deles com  
o gosto que mais lhes convém:  
Gosto de abismo

**se eu te roubasse livros**

*- um poema sobre Paulo*

Se eu te roubasse livros  
Destes que não mais se leem  
Destes que fogem ao tempo  
Ou os que não mais convêm

Se eu te roubasse livros  
Como os que amam  
Como os que nem lemos  
Ou como os que não vêm  
Depois de uma chuva forte  
Ou de um café quente

Poucas estrofes mudariam o sempre  
Pois se eu te roubasse livros  
- destes que não lemos -,  
Teríamos um futuro no presente

Eu que nunca li  
Leria palavras quentes  
Pois se o futuro está tão ausente  
Nestes livros de poetas que não vi  
Nestas tardes que chovem de contente  
Me diria, simplesmente

Que se eu te roubasse livros

Serias por fim  
Feliz?

### **fagulha**

Entro noite adentro como quem corre relva espessa  
Meia fagulha de ideias  
Irrompem-me à cabeça  
Mudariam o mundo pela madrugada e  
Morreriam antes que o sol amanheça

O frio acalenta a loucura  
Afage-me a fronte fria  
Antes de nascer quem já morria  
Deitado em cama escura

Prezando o nascer da aurora  
Em braço fraco que não cura  
Rezando antes de ir embora  
Bebia o vinho da própria loucura

Nem uma, nem vez de duas  
A paz de si não é o que procura  
Partindo por si em vozes nuas  
Vindo ver a carne dura

Arrancada de mim com ternura  
Pelos dedos do inferno da tortura

Escrevendo em runas eu mentia  
Símbolos que a voz varria  
Pensando no que não existia  
O sangue fresco de uma vinha

Que eu tomo em negros copos  
Em juízo de meus próprios votos  
Rogo a quem rogo  
Pela sede de matar-me em mais um copo

### **abrigo**

Todas as semanas eu vivi os mesmos dias  
Todos os dias eu morri um pouco

Todo domingo eu vivia outro homem  
Todo homem com outro nome e de mim um pouco

E ainda assim  
Em todo final de semana em que me recolho  
E escolho as roupas do outro dia  
Eu ponho a sentença de morte noutra conta  
E faço viver de novo minha rotina

Em mim cabem apenas os sonhos  
O leve bater de uma taquicardia  
De talvez viver em liberdade  
De não me fazer cativo  
Tentando entender minha verdade  
Em terços de Ave-Maria

De mim saem frases que nem sei se digo  
Mas a minha verdade distinta distante se cede  
Em querer suceder a máxima que me põe

aflito  
De que eu quero viver mais uma vida dessas que se perde  
Mais um dia  
Para talvez algum dia  
Achar abrigo

## **silêncio**

Há um pouco de caos em meus dias  
Algo trevoso e noturno nas manhãs que abrem sob o sol escarlate

Existe de maneira isolada  
Um espaço e um tempo  
Onde nada existe  
Onde eu sequer vivo  
E as palavras duras não chegam  
Só o vazio  
Rápido, negro, indivisível, corrosivo

Tomando as páginas que escrevo,  
A voz que me falta e  
Os últimos minutos antes do cansaço

A música urbana, de repente  
Não tem mais som  
Não tem mais sim

Somente o vasto e extenso negro  
Cobrindo a minha corriqueira rotina morta  
As solas negras batem sobre minha têmpora

Ecoam no sótão de minha cabeça  
Resisto deitado lateralmente

Era essa a espera para crescer?  
Era esse o tempo que me prometeram?  
A vida inigualável dos anos bons?

Escarro sobre o túmulo depredado de minhas relações  
Pois tudo que me toca a fronte é a velha febre  
Causada pelo temor das coisas que não vejo  
Mais uma vez, sob o véu  
Negro, mórbido, corrosivo  
Das coisas que vêm em frente

### **vertigem**

Ainda que eu beijasse tua boca  
No alto da madrugada  
E te sentisse mais que num desgosto matinal

Se eu corresse teus cabelos com as pontas dos dedos  
No alvorecer de um dia bom  
E te entregasse o calor dos meus braços em um dia tempestivo

Se chegasse a este momento  
No ápice de uma vida furtiva  
Em que o cheiro de um sonho bom acorda o domicílio

Me diga:  
Deixariam os objetos de ganhar vida?  
Pararia o homem de cair os andares de um prédio em chamas?

Deixaria de sentir a terra tremer sob o orvalho da minha pele em fogo?

É um caos esse que sinto em todo pernoite



Em que a noite vira sonho  
O sonho vira céu  
E neste céu, o azul engole o mar até onde vai a vista  
E no teu sonho  
Me afogo

### **amurada**

Há, por sobre a amurada, algo que em mim remonta a liberdade  
Escondida entre o passar dos carros  
Perdida no som das motos  
A fugir pelas ruas da cidade

É estranho e distópico  
– Uma cena de entropia  
Ver por toda gente um cenário histórico  
Que nunca cunhou livre soberania

Pela amurada eu vejo  
Por sobre os barulhos  
O incansável desejo  
De fazer nesta terra possível morada  
'Inda que derradeira seja a vida urbana  
No caos por sobre a amurada

### **a tarde**

Eu queria que chovesse  
E que tu aqui estivesses  
Sobre mim, sentada

Eu queria o cheiro de lavanda nos travesseiros  
E tu, cansada  
Sobre uma cama desarrumada  
– Uma casa menos vazia

Como se existisse,  
mesmo que por momento pouco,  
Neste mundo coisa outra  
Além dos apelos  
Pelos beijos de tua boca  
Que com o não põe-me em agonia

Assim eu teria sobre o chão as tuas roupas  
E veria como correm teus cabelos sobre

meu peito  
E, enfim, peito adentro, te desejo  
Se por fim te tenho em pontas soltas

Um tanto ingênuo sob a imaginação absorta  
Que figura o sonho de minha vontade tola  
Como se um dia como este irascível  
Chovesse sobre tua vontade irreduzível  
E trouxesse mais que a vontade louca  
Que eu tenho de te amar como um sonho impossível

E como o impossível, te pondero  
Te espero, mesmo que não chova  
Para dizer-te que se fora  
O mundo em que te cogitava por menos que uma vida

E que nessa vida haveria então o cheiro de café  
E eu te falaria sobre o dia  
Eu te faria um bom latte  
Te seria companhia

Se eu te chamasse minha mulher  
E tu assim me amasse  
Seria menos amargo o café  
Adjunto desse epílogo, no fim da tarde  
Como um último ensaio da arte  
Em meu amor de prosa e poesia

### **barganha**

Deus, perdoai, pois pequei  
Pequei demais  
Por amar demais  
Perdoai-me, pois pequei

Tive pensamentos impuros  
Não apenas uma ou outra vez  
Mas viver longe de Tua graça tornou-me soturno  
E viver na escuridão é gozar da insensatez

Perdoa-me,  
Pois mais uma vez eu pequei

Se viver em Tua graça for desnudar-me dos desejos  
E da vilania que é cair em fraquejos  
Afasta o tormento que é ser eu mesmo  
Embora eu seja o produto deste tempo e de meu próprio calvário

Mas se puder culpar o pobre por sua pobreza  
Ou o miserável por sua sorte  
Dá-me a sublime riqueza  
De santificar-me até a morte

E não antes disso, perdoai  
Pois eu pequei

Amei demais - é justo  
Ensandeci-me pelas mulheres e seus rostos  
Enalteci as formas sem pensar no custo  
E assim por mais que me frusto  
Não pensei em tolher-me perante os castigos impostos

Veja, Senhor  
Sou um mero admirador de tua obra  
Mas se lancei dúvida sobre mim, aguardo teu julgo  
Pois antes morrer pela Tua espada do que pela cobra

Ainda que peça para ser merecedor de vosso indulto

Pois admirar não seria um crime perante Vossa vontade  
Mas invejar-me de tão linda arte  
E querer para minha própria saciedade  
É sinônimo da minha inevitável falta de nobreza

Mas que poderia eu fazer  
Se sou tomado por tão grande desejo?  
Deveria furar os olhos e fingir que nada vejo  
Ou resignar-me perante o que infelizmente não deixo de querer?

Ora  
Não serei meu próprio advogado perante Teu juízo  
Mas se permitir-me ser ao menos um pouco incisivo

Gostaria de obliterar minha tão constante falta  
Ainda que chicoteado por Vossa humilde graça

E pergunto-lhe  
Por que em tão vasta seara de pessoas tão melhores que eu  
Deste-me somente uma vida para padecer?  
E nesta vida ainda ser meu próprio martírio?  
É a mim incabível perguntar-lhe  
Mas sinto que precise saber

E neste ínfimo de Vossa atenção  
Peço-lhe, Senhor  
Perdoa-me, pois mais uma vez eu pequei

### **caótica existência**

A caótica existência  
Das letras de meus livros  
São a essência mister  
Do brilho primeiro de meus dias

Existe algo que não identifiquei  
Sobre as sobras de literatura  
O resto das palavras que ficam  
Por esperar noutro significado a razão de ser

Existe algo que me remete a um estado maior  
A uma variância invisível da coisa e o espectador  
Algo que por mim entra e exprime,  
- sob a caneta fria -  
As noções de um mundo disforme e rijo

Há, por assim dizer, um universo nestas páginas imóveis  
Embora de versos outros se componham e se aglomerem  
Fazem de meu planeta o astral da coisa sobre a coisa em si  
E se não compreendo a estrofe  
Há um redentor digno na borra de um café recém bebido  
Como um sonho a se formar nas nuvens de um cigarro aceso

E quando minha preponderação se encerra na primeira fagulha de dia  
Encerro a jornada do caos das estrelas  
Nas páginas de outro conto inacabado  
Como a vida que se inicia

Em mais um dia em que não olhei o fim da noite

Pois

Quando a noite vira dia  
A caótica existência  
Das letras de meus livros  
São a essência mister  
Do brilho primeiro de meus dias

### **oito meses**

Meu erro foi ter te dado oito meses  
Oito míseros meses  
Oito meses não, mais  
Oito meses e algumas horas  
Já faz um bom tempo que disse que ia dormir, mas  
Eu menti.  
Já tem horas que eu penso que nunca mais quero pensar na tua voz, no  
teu cheiro ou teu sorriso  
No teu corpo esguio e atrativo como heroína.

Sim, já tem algumas horas que eu menti  
Desses meses que eu falei que não lembraria  
Pois você mentiu enquanto eu acreditava  
Eu tão tolo, achei que tivesse sido bom  
E assim, também mentia

Se existe um ponto nesta história que me corta como uma lança  
É saber que não foram oito meses  
Foram bons tempos  
Que eu nunca vivi  
E serão oito meses e várias horas horríveis  
Toda vez que eu lembrar de ti  
No tique taque do relógio  
Que amargo como a insônia  
Não me deixa dormir

### **misantropia**

Misantropo, apático e insensível  
Vejo a esqualidez esquecida  
De meus cinzas dias sob a luz tremeluzente de um candelabro azul

A insensatez de buscar impassível  
Algo que traga cura à ferida  
Que é manter-se são sob a égide fria de um corpo nu

E despido buscar acalento pífio  
Em qualquer mão solta e perdida  
Que se disponha a ser norte de minh'alma enquanto sou tolo, vagante e cru

Pois assim dou desfecho  
À minha vida abatida  
Como história mal encerrada  
Mais uma vez incompreendida  
Incompleta  
Ingrata

Sempre tolo, vagante e cru

## **logradouro**

Encontra-me nos ermos entre as plantas  
Num jardim denso ou mesmo em mata fechada  
Dá-me voz sem termos, ou me guia e canta  
Pois estarei propenso a fazer daqui morada

Sem dor, sem amor, nem nada. Um rio que transborda!  
Se logo deságua: como eu busca parada  
Na paz dum local cavo, longe de toda vida  
Locus de gran harmonia, terra viva e grata

Saio intempestivo afora, a ver flor em flora  
Que em beleza natural se germina e cresce  
Porque em mim se escora a vontade da origem rupestre  
Que vive longe do caos desta vida de horas

E talvez em recanto encolhido eu lembre  
De como é viver tranquilo, singelo, sucinto  
Sem as dores do mundo quente e abafado  
Que vêm das certezas que pouco tenho e sinto

O mundo dos homens está sim condenado  
Por viver longe da paz livre dos sítios

Donde se encontra a si mesmo contemplado  
Por natural beleza que só entendem os líricos

### **não confia**

Disseram-me antes:

Não, não confia

- Caíra-me o semblante

Falaram-me pai, mãe e tia

Aprende que no mundo sempre haverá traição

Seja esperto antes; não confia

Aprende que amar é agri-doce, a paixão é um coice

E sozinho e perdido ninguém te dará sermão

- Não confia

Nem em feições imponentes

Nem em rostos sorridentes

Se ela te tocar o ombro e pedir aconchego

Lembra: não confia

Estás melhor servido de um prato frio

Na solidão do quarto

Se ela é tua direita, teu flanco vadio

Não te acomesdes e corta teu braço

- Ela sangra e não morre

Meu pai dizia

- Se não sangra, não vive;

Se sangra por cinco dias e não morre?

Não confia

- Ela muda seus jeitos,

Ela cobra teus beijos

Minha mãe dizia

Se é pro teu bem, filho

Não confia

E na minha cabeça uma voz dizia

Dura, implacável

É melhor não acreditar em tudo que diz uma mulher

Pois as mulheres são volúveis

As mulheres tudo sentem  
As mulheres acreditam em tudo  
E se em tudo são tão irresolúveis  
Não tenha dúvida de que no fundo elas mentem

E nesta não acreditei  
Pois outra voz doce dizia  
Quem ama também acredita  
Nesta acredita, nesta confia

Mas que tolo eu fui  
Por escutar essa voz que nem era de mim mesmo  
Mas da mulher que em mim residia  
Tolo é o homem que, ingênuo,  
Tem em si uma mulher em que confia

### **pretexto**

Há sim  
Um pouco de mágoa  
Há sim  
Nestes meus textos  
Mas entenda quando deságua  
Todo o rancor que afoga meu peito

Há sim  
Nomes que nunca direi  
Há sim alguém que eu amei  
E talvez tenha mais de mim também

Em mim há  
O testemunho de toda a existência  
O despeito pelas crenças  
E o sabotar de todo meu cinismo

Pois a fagulha que me põe a escrever sempre vem debaixo  
Do toque melancólico de um dia floril  
Das dores de agosto  
Que de modo escracho  
Eu tomei somente em abril

Dos cantos de pássaros que me acordam para lembrar  
Dos dias de Outubro que me fazem esquecer



De tristeza tão milenar  
Quanto um homem desejar o que não pode ter

Por isso há sim  
Um pouco de mágoa  
Neste meu texto  
Porque escrevo sobre nada  
Para te expôr sem pretexto

### **oração**

De longe  
De perto  
Do chão ao teto  
Meu pior relacionamento

Se pudesse ter te conhecido somente como uma conhecida, teria vivido  
mais feliz  
Se pudesse te manter por fim esquecida, teria, talvez, a paz que  
sempre quis

Hoje me recordam apenas as dores  
O caos que por aqui passou no dia que tu adentraste  
E se um dia te logrei flores  
Hoje durmo com a lembrança desse desastre

Desastre esse que eu cultivei com as melhores intenções  
Desastre esse que me deu esperanças vãs  
Mas que me fez acordar e perceber  
Que havia uma vida em mim que não cabia te ter

Se amei, se sequer existiu amor  
Agora mesmo, pouco importa  
Tua figura deviante  
Tua boca torta  
Exaltam somente as palavras amargas, tortuosas e ruins

Prezo somente ao bom Deus  
A quem escuta minha tão exaustiva labuta  
E minhas preces tão tristes  
Que corte em fagulhas tudo que entre nós existe  
E não sobre nada entres nós dois  
Somente o fruto do amor que um dia se foi

E que hoje nos lembra que pelo menos de um erro, pode uma coisa boa  
surgir  
E talvez por ela, algum dia ainda troquemos um aceno frio  
Quando eu, enfim, houver me libertado das memórias de ti

### **promessa**

Me vejo em uma miríade  
Próximo ao sono caio sobre a cama de todas as minhas versões  
Tem algo diferente na atmosfera  
Algo bizarro no quarto  
Algo confuso no coração

Me disse antes de fugir que não esquecesse  
Me disse antes que eu fosse que não queria ser esquecida  
Te fiz essa promessa, querida  
Antes que essa versão de mim se desprendesse  
E o tempo te trouxesse desilusão

Perco-me no caos desse homem que viveu demais  
Mais do que a casa de vinte não mais  
Mas se viveu bem a paz dos dias quentes  
Sabe a desilusão de um frio qual bem se sente

Acaso, amor ou confusão?

### **corpo**

Me encontra no leite desta árvore  
Onde não cresce nem morte nem vida  
Somente esconde a chave  
De uma tez outrora escondida

Brota fruto vermelho, rubro, sanguinolento  
Incandesce como água e sódio  
Pingando como esteio e unguento

Me olha sob mim mesmo sob veios donde nada adentra  
Nem mesmo o torpor do ódio  
Nem o frio entorpecente do vento

Nem a voz falhada que não se sustenta

Somente uma casca  
Somente galhos fracos e retorcidos  
Não há carne nem massa  
Somente o tronco erguido  
Que se chacoalha e rasga  
Que finda-se 'inda vivo

Nem da boca cospe palavras

Apenas um frágil som que acaba em si mesmo  
E assim, a árvore infrutífera em si se crava  
Num incessante agouro que queima em medo

Encontra-me no meio desta árvore  
Neste emaranhado da raízes cheias de veias  
E do sangue pulsante que não mais bombeia  
Para colorir a minha pele mármore

Encontra-me nem que seja uma última vez  
E se por lá me olhares  
Reconhece-me em mim mesmo

## **desfecho**

Um dia eu fui seu mundo  
E você  
Certamente  
Foi o meu

Claro como o sol sobre meu jardim de inverno  
Ou o emaranhado alaranjado dos seus cabelos  
Você mostrava-me o céu brilhando sobre nuvens  
Quando víamos o cinza do mar banhar a praia

Assim, eu sabia  
Você inundava meu mundo  
- Não faz tanto tempo

Um dia eu te amei até o último de meus dias  
E chegou, infelizmente

O último dos dias em que consegui  
Prometer vendo apenas num futuro invisível  
A mão do destino apertando meu peito

E dizendo que não nos pertencíamos mais  
Foi um sonho esse que eu acordei  
E nem sei se aconteceu  
Pois chegam noites e não me lembro  
Mesmo prometendo nunca esquecer

As janelas já não se querem abrir  
A porta emperra, e eu, adentro  
Uma casa que não mais conheço  
Um templo que antes adorava, perdido  
Num lugar onde não mais existo

Assim chegam as chuvas em novembro  
Cobrindo-me a face em gotas  
Se não chove lá fora  
O que molha-me o rosto são lágrimas que caem  
Pois não há mais sol no jardim de inverno  
Nem a claridade dos cabelos laranjas  
Nem o amor que houve em meu peito  
Afastando as sombras que cobrem

A irrisória existência do meu ser

## **fome**

São duas da tarde  
Duas da tarde e eu tenho fome  
Não fui com ela almoçar  
- ela não quis

Sempre fui um sujeito atípico:  
Toda vez que me dá fome,  
Fico um tanto mais sentimental  
Minha barriga vazia se enche de coisas da cabeça

Isso pois não quis vir comigo e não me queria perto  
Hm, sinto que deveria estar irremediavelmente chateado  
De todo modo

Estou, pois também estou com fome

Mal se despediu na porta de casa

Nem um beijo ela deu

Ora, que mal a fiz para tanto desdém?

Se não fosse o contexto a manteria nas minhas mais frias reservas de carinho

Mas não posso

Foi o que me falaram

No dia que eu entrei naquele psicólogo e

Me falaram que muitas coisas enchem minha cabeça para não ouvir meu peito

Nem sequer eu mesmo posso ser?

Meu signo me condena ao rancor

Da mesma forma que minha barriga vazia

Me enche destes sentimentos ruins

E a vontade que eu tenho é essa:

Me afundar numa piscina raza

De vinho ou de molho tártaro

Sem respirar de novo

E não voltar ao apartamento

Até que meu peito esteja vazio

E minha barriga cheia

### **crise ansiosa**

Sobe à boca a acidez gástrica maldita

A bÍlis umbralina de uma paz caótica

Transvestida de ódio à toda forma antrópica

Em palavras que escrevo nunca antes escritas

Mil vezes maldita

Sinto os nervos, o calor, a voz, os semblantes

Ninguém está aqui, mas aqui nunca estive antes

Pois de mim mesmo ecoa a vontade tão invisível

De tornar meu corpo em pó e desfazer o tempo irascível

Irascível, inexorável, inexplicável, indivisível

O tremor sobe meus dedos como ondas elétricas  
Todos se tornam vultos, minha visão destoa  
- seria uma crise epilética?  
Não. Pior, muito pior

Meu inconsciente me sussura:  
- "não pensa muito, não agora"

Se tua unha te rasga  
Se no banheiro chora  
Se o espelho te devora  
É a imagem do abismo que te espora  
Por saber que rasgou o véu do teu ocultismo

Exposto sobre mim mesmo  
Caiu-me a máscara que negava o sofrimento  
- Calem a boca!  
Os fantasmas de mim mesmo trazem o momento  
Em que rasguei meus pulsos por intento  
De fazer minha alma se dissipar na água do chuveiro

Não estou mais ali  
Mas também não saí de lá  
Agora me falam com vozes brandas  
"Uma hora isso vai ter de passar"

Passa, mas por cima de mim

E quando falam em vozes brandas que tudo passa  
Eu me vejo rindo para minha própria desgraça  
Por saber que o imediatismo ansioso não tem fim  
Enquanto eu continuar sofrendo no futuro a desilusão de já ter me  
sepultado naquele momento

### **imagem**

Deixa a imagem imaginada desta mulher  
Que ela seja o que me toca o peito e revigora a alma  
Que ela seja o candelabro que abre luz nessa escuridão incalma  
Antes de ser o que me rasga o coração e desmonta minha fé

Deixa que as madeixas cubram-lhe a fronte  
Que a boca doce acalente minhas noites  
Se de manhã mais uma vez vier a amargura de amar o açoite  
Que destrói o pálido horizonte  
Que um dia foi um futuro feliz

Não voltarei a temer se eu tiver plena imagem  
Vívida em mim mesmo  
Mesmo que me transforme em miragem  
O sonhos, os beijos e os apelos

Não, não temerei  
Se adentrar noite fria  
Sem a companhia que um dia cogitei ser

mais que a vida  
Que também me abandona em cada eriçar de meus pelos

Só me deixa esta imagem restante  
Como um momento distante  
Estampado nos retratos de um álbum esquecido

## **réptil**

Meus olhos piscaram de lado,  
Estranhei  
Me senti tal qual um réptil  
O surreal homem que rasteja

Meus olhos sob os óculos piscaram de lado  
E foi um tanto estranho  
Foi um tanto inumano  
Mas não mais estranho que o olhar da janela do carro  
Este vitral composto da infinidade das coisas humanas  
E por ele ver as crianças que brincam  
Na poeira do dia

Eram outros tempos, pensei  
Foi-se o dia em que eu andava erguido  
Aos 23 eu sou o homem que rasteja  
Minhas costas doem em pé  
Preciso dormir

Voltando para casa me vinha uma vontade súbita

De deitar próximo à piscina do condomínio de apartamentos  
Ficar exposto sob o sol  
E só correr para a toca quando o astro se pusesse

### **quimera**

Como, porque tenho fome  
Não tenho sede, nem vontade, nem sono  
Uma boca seca engole a comida - "come"  
A dor me tomou e fez de mim seu dono

Da minha vértebra surge um novo membro  
Que em escarlate torpor me consome  
Rubro, vermelho, sanguinolento e não some  
Tampouco faz sentir humano como me lembro

Acorcundo-me sobre as vértebras e rastejo  
Como um ser que nem respira, pois se inspira sente dor  
E doendo como me sinto nessa figura que me vejo  
Me faço ser um ser que nem sou

### **sexo não**

Sexo não  
Eu queria amar  
Amar os detalhes  
E te encontrar em cada um deles  
Saber dos teus defeitos  
E me encontrar em cada um deles

Sexo por sexo não  
Eu quero teu cheiro  
Quero tua voz  
Minha cabeça em teus seios  
Nada efêmero, nada perfeito  
Na tua oração ser teu sujeito

Não quero a esporadicidade de algo efêmero



Nem tentar adivinhar se um dia seremos  
Se for para ficar, melhor que seja intenso  
Que queime cada um dos meus membros  
E no calor das chamas que me consomem  
Ser um só no fervor da tua boca

Não quero dormir sem saber  
Nem fingir não gostar

Do jeito que tu respira e sente  
Pedindo para eu não terminar

Se vou ficar para adormecer  
Que seja para poder acordar  
Do lado melhor que eu possa ver  
Teu peito subir e te ouvir suspirar

Se não for assim, melhor não ser  
E se não for para ser, nem tentar

Sexo não, queria amar

## **tinto**

Revezo episódios de depressão e copos de tinto  
Num frenezi homeopático e impotente  
Por sentir-me tão abatido e displicente  
Sobre toda sorte de coisas que omito

Ao menos ajudam a recordar do que fora,  
Estar em altos e baixos tão vertentes,  
Que agora remetem a qualquer história tentadora  
Por não acharem prazer no lúgubre presente

Quem dera suscitar qualquer emoção ou anomalia  
Algo que trouxesse a mim felicidade, paz ou mesmo harmonia  
E deixasse de lado tanta fria indiferença

Porém nada me tira deste episódio tão atônito e infeliz  
Nem que fosse dinheiro, bebida ou alguma

voluptuosa meretriz

Da nova mesa saem apenas papéis amassados:  
rabiscos cheios de descrença

## **reno**

Doce mulher  
Com suas ancas largas  
Seu cheiro adocicado  
E sua aura tão quente

Bela sobre as colchas  
Meu olhar pesa e desnuda tuas coxas  
Que pousam sobre a coberta floral  
Que irradia nosso Ninho

Se tu fores minha agora farei-lhe trouxas  
E levarei nossas roupas a um reino nosso  
Coberto por infinitas flores roxas  
E lhe sendo tão seu quanto posso  
Te oferecerei músicas e carinhos

Dourado e carmesim seguirão nossos passos  
E uma criança como a lua teremos nos braços  
Se conquanto o dia irradiar nossa varanda  
Serão em nossos reinos os caminhos que nos levarão a Aruanda

## **poemas pessoais II**

Estou apaixonado,  
Enamorado por ninguém  
Vejo um sorriso  
Algo meio tonto e torto  
Não sei de quem é  
Mas definitivamente, de alguém

Nos meus sonhos transamos  
Dedos entrelaçados  
Suor de dois corpos  
Respirações ofegantes  
– Se não nos encontramos,

Estou apaixonado por ninguém

Não me comprometo  
Se está em algum lugar, não a vejo  
Somente um vulto sibilante dos meus desejos  
Eu amo, mas não vejo  
E no calor dos seus beijos  
Mais uma noite em que a sonho

E lembro desta noite:  
Havia voz, conversa e meu violão

Estourava a corda Mi antes de tocar-lhe um samba  
E ela vestia nada além de um cordão  
Mas acordei na minha própria cama  
Som nenhum, de mim mesmo apenas Dó

Quem é e por que a sonho não sei  
Serão só memórias de uma história que não vivi?  
Lembranças de um futuro que deixei?  
Mas se um dia ela me sorrir  
Saberei que sonhar é a predisposição de existir  
E antes dos meus sonhos serem só ilusão  
Apaixonar-me mais uma vez por alguém que não conheci

## **poemas pessoais I**

Vou escrever sobre tudo que eu puder  
Para que vocês nunca tenham a menor ideia de como definir minha  
escrita  
Escreverei sobre o que der e vier  
Porque minha vista sobretudo me é infinita

Falarei das águas, das aves e dos cajueiros  
Do tempo, da paz e do enfermo  
Deste recluso intrépido e retruqueiro  
Com alma pávida e sempre ermo

Que só não me falte palavras  
E os dedos correndo esguios  
Porque o que meu verso maltrata  
É mais que a sinopse de meus momentos vadios

Para não pensar, devo escrever  
- Se não escreverei, estarei pensando  
E pensando deixo de existir  
Porque pensar é a inigualável morte da vivência do ser

E quero que se exploda a máquina, se houver caneta  
E a caneta se não houver tinta  
E se faltar meu sangue de cor densa e preta  
Eu rasgo minha voz para que o mundo me veja poesia

Mas não falem que sou um poeta das guias, das águas ou d'academia  
Me chamem esdrúxulo pela rima covarde e o verso atônito  
Me coloquem alcunha de intragável e digam que morri ingerindo acônito  
Digam que meus versos faziam bater o coração como uma disritmia

Porque antes de escrever sobre o que vejo  
Escreverei sobre o que sinto  
E se sentir é o meu último desejo  
Deixo meus poemas para dizerem-lhes que, ainda, não fui extinto

### **finalização (ou contra-ataque)**

Eu quero sufocar todos os pensamentos que passam pela minha cabeça  
- Aumento o som de qualquer voz grave  
Não quero pensar  
Cansei disso, foi-se a época

O som do baixo pode estourar meus tímpanos  
Não há problema se eu não escutar mais uma cobrança sequer  
Que se foda a voz  
O indecoro  
O interlocutor

Quero mesmo é sair daqui  
E de mim mesmo  
Deixo o som bater no meio do meu cérebro  
E me fazer vomitar notas musicais

Se o baixo reverberar no café da manhã  
Ou se meu sangue bombear em linhas de grave  
Eu não dou a mínima

Desde que a festa na minha cabeça me impeça de ouvir o mundo lá fora

O mundo lá fora é execrável

Eu sou o último do meu tipo  
A última voz que encaixa nesse oblívio  
E só aceito ser destruído por mim mesmo  
De dentro para fora  
Nada menos do que isso

Vou aprender a cair mil vezes  
Antes de cair mais uma vez sequer

Os sulcos no meu rosto  
(Onde passara o último fio de ódio)  
Não podem me deixar esquecer

Um dia foram rastros de químicos,  
Verdes, os córregos varriam o rosto da minha alma,  
Escarlates deixavam minha pele

Hoje, secaram

Quase levaram cada centímetros de pele  
Mas sobrevivi  
As marcas estão lá  
Da guerra que quase perdi

Quanto mais alto o som  
Mais celebramos  
Eu e todos os convidados  
- Minhas memórias enterradas, heróis de guerra

Nos preparamos para mais uma batalha  
Hoje contra ontem:  
Reerguer e andar,  
Negar até o último fio do subjugo

Não vim para fazer pazes  
Nem negociar  
Vim passar por cima de tudo  
Cortar a voz do mundo e renascer

Eu vim tomar meu lugar de herdeiro

Dono do meu próprio feudo  
De todas as vastidões que conheço  
Nesse bloco desgastado da minha cabeça

Patricídio contra as memórias do progenitor  
Infanticídio contra minha infância  
Fratricida por negar esse sangue  
Que escorre ao breu em repugnância

Nasci para ser homem  
E sendo homem tomarei o que me couber de herança  
E se nada me for dado dessa vida vazia  
Aqui mesmo erguerei em caos

E assim toda música é um hino de guerra  
Declara minha corte marcial contra toda a Terra  
Se for fruto do ódio que me cega  
Ao menos viverei sabendo que não fui vencido

# AS CRÔNICAS

a conversa (ou até onde vai)

- Queres fumar?

Ele me perguntou. Traguei. Havia algo nos meus pulmões novamente, um pouco de ar, ainda que quente. Fazia tempo que não me sentia assim e me fazia pensar. Puxei o ar do cigarro como um bom sopro peito adentro.

- Então, tem essa menina, sabe?

- Outra?

- Outra. Nenhuma é igual, se fossem eu não faria distinção. Me interessa pelo que são de verdade, ou pelo menos devia ser assim.

- O que é verdade, Gabriel?

- Não sei. Assisti Matrix esses dias, mexeu comigo. Não que eu acredite que estejamos uma realidade, ao menos não mais. Mas eu não sei mais como definir o que é real. Se tu me perguntasses três anos atrás o que é real eu te diria do alto dos meus vinte anos que real é tudo aquilo que eu sinto. Mas aí eu entraria em outra paranoia para saber se posso confiar nos meus sentidos. Faz sentido?

- Não sei bem. Eu sempre pensei que a única coisa real vem dos sentidos, entende? Ou de algo mais... profundo. Como se saísse de mim mesmo para fora, e se conseguisse identificar o que é verdadeiro pelo que as coisas realmente são. Como afundar a mão num lago turvo, sabe? Mesmo que eu não consiga ver, aquilo embaixo d'água é real, não precisa de mim para existir, mesmo assim só existe porque eu toco. Se eu não tocasse, nunca existiria, não para mim. Meio que como a literatura ou a arte. Não precisam de mim para existir, em algum lugar de algum espaço estão lá, mas para mim só estão lá pelo que eu coloquei.

- Às vezes eu queria embarcar nessas tuas indagações e concordar com tudo isso.

- Eu acho que a gente chega lá.

- Talvez um dia, quando eu estiver menos onírico.

- O mundo dos sonhos não é pra gente como a gente, mano. Não da pra passar a vida dormindo.

- Sei muito bem, aliás.

Bebi um gole da cerveja. Descia como um acalento na tarde quente. Continuei.

- Sei que nada disso é o ideal, mas faz muito tempo que não sonho. E às vezes nesses sonhos, sem toda cobrança, culpa e medo, eu consigo

sentir algo, e aquilo me lembra um pouco de alguma realidade que eu deixei em algum lugar. Debaixo da gaveta do quarto ou algo assim.

- Bro, acho que é por isso que não dá pra se guiar só em sentir, né?

- Não. Não dá, mas agora tem estado bem pior.

- Por que? - me perguntou, meio surpreso, meio preocupado. - O que seus olhinhos têm refletido dessa realidade insensível?

- Nada. Em geral, sinto nada.

- Isso de fato é preocupante.

- Foi o que me disseram.

Bebi dois longos goles. A sede tinha estado ainda maior em mim nestes tempos, parecia que nunca antes houvera água neste organismo seco.

- É como olhar pela janela de um carro em movimento. Por mais que eu ache o passeio interessante, não sou eu quem controla o volante. Eu gostava disso, sacas? Ter minha mão no controle, e acho que perder isso tão de repente me frustra bastante.

O pensamento dele era ligeiro, quase como uma faca arremessada por um shinobi no auge do período Edo.

- Tu só vai poder retomar isso se tu retomar quem tu é e começar a trabalhar com isso. Só dá ter controle de um universo teu que só existe por tua causa se tu tiver controle e aceitação sobre ti mesmo, cara.

- Quem eu sou?

A pergunta deixou um espaço no universo, agora sedimentado pela minha própria inconformidade com ele. Em alguns milésimos de segundo, abri uma janela no meio do cosmos com uma simples pergunta que sempre me parecera óbvia. "Quem eu sou?", perguntava a mim mesmo.

As respostas para tudo são simples demais, até que se tenha a pergunta certa. Essa não era a pergunta certa, ainda não. Mas isso eu

só saberia anos depois, não naquele dia, não em pouco tempo. Para todos os efeitos, eu havia quebrado a última parede do meu universo pessoal. Talvez, não somente o meu.

Em algum lugar, naquele segundo inteiro, uma nova forma de vida inteligente pode ter finalmente evoluído ao ponto de se fazer a mesma questão. Se esta realidade existe, como creio que deva existir, toda a matemática poderia provar minha constatação. Como posso conhecer o mundo sem me conhecer? Era isso que eu gostaria de saber naquele momento.

Fora de mim mesmo, eu dominava todos os tempos. Se aqui nesta história eu mudasse qualquer aspecto, eu mudaria todo o tempo. Daqui, consigo ver tudo e existo em tudo isso ao mesmo tempo. Mas aqui, eu era apenas uma história. Meu bom amigo nem imaginava tudo que passava na minha cabeça naquele mísero segundo, pois só consigo descrevê-lo



agora, em primazia, depois de muito me debruçar sobre todas essas questões.

- Tu nunca vai ser uma coisa só, e te dizer em poucas palavras seria absurdo, porque nada refletiria quem tu realmente é. Mas essa é uma pergunta que tu tem que te fazer às vezes e saber que nem sempre vai ter uma boa resposta.

De fato. Eu passei por muito.

Quando lembro de cada parte disso, envelheço muitos anos e ainda me pego pensando se teria feito algo diferente. Agora, escrevendo esta história até poderia mudar algo, mas me manterei fiel à minha pseudo-realidade.

- Essa definitivamente é uma resposta. Não muito boa, mas, definitivamente, uma resposta.

- Não precisa ser boa pra ser real.

- Nada precisa ser bom para ser real, e muitas vezes nem importa. Acho que até o verdadeiro nem sempre é real. Tudo isso gira minha mente em mil, e me pego capotando nos meus pensamentos.

- É verdade. Mas se tu continuar falando, tua cerveja vai esquentar. Esse era um sentimento verdadeiro. O trago na mão, a cerveja aquecendo, o amargo tocando minha língua e a espuma juntando-se ao meu bigode malfeito. Somente um homem que se senta à mesa para refletir sabe que a única verdade que pode confiar é a de que a cerveja esquenta e perde o sabor. Cerveja quente é um estado de eterna preocupação.

Bebi todo o resto em meu copo.

- Eu acho que não sei mais sentir. Depois de tudo, é como se eu tivesse desligado. Como se algo dentro da minha cabeça tivesse simplesmente pifado e eu não tenha mais certeza se meus sentimentos são meramente superficiais.

- Discordo. Depois de tudo, acho que tu tá voltando a lembrar como é sentir de verdade, e isso é um caminho. Saber aproveitar isso que é o aprendizado, mano.

- Sabe que eu sou um arquiteto. Minha cabeça não funciona assim.

- Arquiteto de prédio imaginário e programa de computador.

- Um arquiteto no seu mais profundo significado. Tudo funciona melhor na minha cabeça.

- Foda que o mundo acontece do lado de fora dela, né, meu parceiro? Odiava quase o mesmo tanto que me fazia feliz quando ele tinha razão. Naquele momento, poucas coisas me ligavam ao mundo, ele era uma delas. A vontade que eu sentia daquela menina com foto de perfil de anime, era outra. Acima de tudo, havia o buraco, a cratera abissal deixada pela falta da minha filha comigo. Isso, acima de tudo. Tudo isso era real. Todos esses sentimentos eram verdadeiros. Esses sentimentos

mostravam que: ou o mundo existia fora do meu controle, ou Deus havia me pregado uma enorme peça me fazendo querer aquilo que sequer existia. O mundo, de fato, existia. Se não existisse, eu sequer sentiria falta dele.

- Eu decidi, K. O mundo existe.

Disse por fim.

- Eu acordei hoje de manhã com essa certeza. Mas aí, já tá pronto pra ele?

Acendeu um cigarro. Mentolado, como ele gostava.

- Ainda não sei. Mas é melhor que viver dentro de mim.

- É, tem que dar uma chance pra alguma mulher bonita, gente boa e com rabão te fazer feliz também, meu parceiro.

- Acho que agora a única coisa que me faria definitivamente o homem mais feliz da terra seria outra cerveja. E um temaki, definitivamente um temaki.

Nenhuma dessas coisas realmente me faria totalmente feliz, mas era um começo.

Ele me retrucou, mais rápido que o cometa que extinguiu os dinossauros.

- Pega lá pra gente?

Olhei de soslaio. Era resposta suficiente.

- Ok -, eu disse.

Levantei, arrastei a cadeira para trás. Movi-me em direção à cozinha. A dois passos de entrar, descansei minha mão na parede.

- Antes de pegar a cerveja, pode me responder uma coisa?

- Sim. Claro, manda aí.

Um leve sorriso subiu na minha face direita, como todos os sorrisos de canto que dou sem perceber.

- Essa conversa é real?

- Se eu disser que não, ela deixaria de existir?

## **o corvo no escritório**

Esta noite eu tive o sonho mais estranho.

Muitas e muitas vezes eu tive sonhos estranhos. Muitas vezes eu estive em sonhos estranhos. Daqueles que nos fazem acordar suado, dos que nos fazem acordar suspirando ou daqueles que nos atormentam por nunca em totalidade lembrarmos. Mas este, este era completamente diferente. Límpido como o sol de Janeiro ou as vidraças de Amsterdam. Este sonho ecoa na minha mente repetidas e indefinidas vezes. Nele entrava pela porta do escritório um corvo: alto, negro, em plumas, ranzinza, perdido. Um corvo.

Neste dia, um corvo entrou no escritório.

Me pergunto ainda por quê entraria pela sala de um edifício, atravessaria os corredores, bateria à porta de uma sala ainda quente pelo começo da manhã e grasnaria um corvo. Me pergunto o que levaria um pássaro noturno a adentrar o calor da manhã como quem vê a incoerência de um soldado desarmado correr à frente de batalha. Como um vaga-lume que se agarra à luz de um poste vacilante ou um boneco de neve bebendo café. Mas isso não o impedia. Negro, magro, noturno, vacilante. Um corvo.

Poucas pessoas trabalham com corvos. Poucas pessoas recebem corvos e riem para eles. Mas lá estava. Lá estava em pleno dia. No escritório amplo, na mesa compartilhada, vestido de gente. Vestido? Alguém já viu um pássaro alto, perdido em um escritório e... vestido? Mas este era o sonho e nele ninguém se atrevia a dizer que algo estava errado, que a quentura subia, que as vestes não faziam sentido para um pássaro sonâmbulo, pois este era um sonho.

Com gestos vacilantes de quem passara a noite acordado, se jogou na cadeira. Qualquer outro animal poderia ter sentado à cadeira. Se o corvo fosse um felino, um animal doméstico, uma criatura sorrateira, ou até mesmo um pinguim perdido nesta cidade quente tudo isso faria mais sentido. Mas não fazia.

– Bom dia?

Ouviu. Grasnou.

– Dormiu bem? Parece cansado.

É necessário certa dose de estupidez para se conversar com animais, mas ela conversava. Branca, cabelos pretos e lisos. Uma mulher, de fato. Impossível que fosse uma Branca de Neve, pois na cidade não nevava. Só há chuva e os carros refletindo o brilho de gotas que caem cintilantes. Me pergunto ainda que dose de insensatez leva alguém a conversar com pássaros, mas para ela parecia bem simples, corriqueiro. Superficialmente, tudo que respira é igual.

Naturalmente, sempre ouve quem falasse com coisas que não deveriam responder. Se atentarmos bem, talvez haja sim resposta. Os corvos rezam para a noite, não? Por que ficaria um corvo sobre um poleiro, num tronco oco ou em sobrevoo a gritar durante a noite? Solitário e reflexivo, em todo som existe uma resposta daquilo que não vemos rosto. Se me perguntassem se este corvo rezava, ainda que calado, perdido e reflexivo, diria que sim. Quando há escuridão e a chuva cai, sim, creio sim que rezaria. Embora eu mesmo nunca sequer tenha visto um corvo. Se eu pudesse me recordar de qualquer ponto em que vi um corvo nesta vida, não poderia figurar qualquer imagem empírica. Me disseram que não existem na região. Existem gralhas, existem rasga-mortalhas. Corvos? Não há. Corujas brancas buscam na noite coisas que

a cidade perdeu no passado. Corvos buscam no passado memórias da noite que somem durante o dia. Os dois trazem mau agouro, embora só um venha em vestes negras como uma noite sem estrelas.

E o que poderia este pássaro dizer à moça? O que poderia contar que a ela fizesse sentido? Por dentro esquelético, estático, deprimido. Embora cálido em fingir, se pudesse mentir, mentiria. Embora pudesse mentir, retesava. Por fora ela era sensatez, beleza e o que de melhor pudesse oferecer o café amargo e mal servido. Se o sol brilhasse, que fosse sobre as curvas de seus cabelos. Se o inferno rugisse, que fosse durante a noite, onde ele pudesse dormir. Mas ainda era dia. Começo da manhã.

Queria que fosse um daqueles sonhos em que podemos interferir sem medo. Neles eu sempre voou, neles eu sempre posso sonhar. Mas em nenhum momento o corvo voava, em nenhum momento o via levantar da guarda. Um corvo que senta e espera, que desperdício.

Em devaneios, respondeu. Grasnou.

Ela entendia.

Ele não.

Há muitas pessoas em um escritório. Em um ambiente assim se encontram várias pessoas, com suas verdades e mentiras. Com seus jeitos e toda idiossincrasia transformada em anseio pelo fim do dia. Nisso somos todos iguais. Embora alguns seres saibam que de fim de dia em fim de dia, o fim chega eventualmente. Memento mori.

Mas isso só assustaria se não fosse um sonho, se ele não fosse um corvo, se lá fora não chovesse, se não houvesse alguém quando chegasse em casa, se o mundo não esperasse e tampouco a carne não fosse eterna. Assim, ele se empoleirava na cadeira. Se a moça entendia? Ele sabia que não. Mas agradecia. Não há mal em agradecer mesmo quando sabemos que ninguém entende o que nós mesmos não podemos explicar. Se um dia as mulheres entenderem os homens e os homens entenderem as mulheres, ainda haveria os homens e as mulheres de entenderem os animais. E desses tentariam primeiro os pássaros que cantam. E por fim, em algum lugar, os que grasnam tentariam se fazer entendidos, quando tudo fosse menos indeciso e em algum lugar houvesse algo mais que solidão.

Ainda assim, como de costume daqueles que trabalham cedo, ela o chamou para um café. O corvo piscou duas vezes, para ver-lhe a face branca sob o sol da janela e assentiu, enquanto um homem aparecia para puxar-lhe o computador já ligado no começo da manhã. Aproveitou do momento, falou como falam as aves negras para aqueles que Afeiçoam; partiu.

Subiram as escadas.

O corvo era mangas compridas e calças, olhos negros sob penas batidas. A moça era uma equilibrista sobre saltos e lentes rosas ofuscadas pela blusa carmim. Que cena.

Penso que nada poderia ser mais dantesco, mas a quem passasse e, se cumprimentassem, era quarta-feira, sol de chuva intempestiva. Chegaram ao andar superior, ordenaram o café como duas crianças pedem água após passarem a tarde em correria.

– Meu filho, tua manga tá meio desarrumada, né?

Disse-lhe a quase-idosa-senhora-do-café.

Senhora, como poderia ser seu filho? Só se houvesse no seu sangue algo pertinente às quimeras. As pessoas estavam cegas? O que acontece aqui? É necessário fazer explicar a graça de uma piada pronta? A senhora a arrumar golas e mangas de um Corvo? Se pudesse ser mais que espectador deste sonho ridículo, a sacudiria e diria:

não vês que essa criatura sequer fala? Vais dar café para uma criatura silvestre?

Mas para ela, tudo aquilo era normal. Para todos, menos para mim, que, à priori, nem estava ali.

O dia se seguiu rápido, rápido como seguem os dias. Como ocorre em todo sonho onde o que de fato necessitava acontecer, aconteceu; o que não tem tanta importância passa como árvores em um trem em movimento. Cenas se repetiam, pessoas iam, pessoas vinham, cadeiras subiam, vinham dores nas costas e o cansaço das horas. Mais um dia.

Pássaros engaiolados almejam liberdade como presidiários? Seria o contrário? Pelo que pagam aqueles que sonham com a liberdade, mas nunca conseguem alcançá-la? Mais um dia, só mais um dia. Que sonho aflito. Não queria chamá-lo de angustiante, pois gosto de reservar esta palavra para momentos mais idôneos, mas quando ainda lembro do sonho – longo e fugaz como uma lança atirada por um romano bem treinado – este é o sabor que chega à minha boca.

Meio-dia. Acabava o expediente, já era tempo e aves possuem rotinas restritas.

Desceu as escadas como um corredor treinado parece planar em um *single-shot*, pois elevadores são apertados para corvos de quase um metro e oitenta e não era hora de se atrasar.

Entrava no carro pelo banco do carona como quem encerra o dia. Punha o sinto e esperava a marcha passar.

Recebia uma ligação e a atendeu. Não grasnou. Corvos possuem celulares? Não sabia.

– Como foi seu dia?

– Foi estranho. O corvo respondeu.

O céu estava limpo, a cidade abafada estava tranquila. Por que não podia voar? Por que não voou? Vou me habituando a não questionar histórias sem sentido. Um pássaro que não voa. Patético.

O carro dobra a primeira esquina da longa avenida. Acordo. Ainda noite e eu sonhando com o dia. Ainda noite? Queria mais algum tempo, para tirar a areia dos olhos com algo novo que não fosse lembrar para sempre. Não tive, pois cochilei por algum tempo, imaginando que voava para fora de tudo, menos para o vazio do espaço sem fim do universo que tanto me causa terror. Não estava em qualquer veículo que cruzasse os céus, mas em minhas próprias asas escuras sob a madrugada. Não dormia.

Mas quando ouvi o som do relógio reclamando do homem atrasado, não era no céu da noite que eu pensava, mas no corvo. Que sonho estúpido, irrisório. Neste dia um corvo entrou no escritório. Ainda bem que este era meu sonho. Apenas um sonho.

Se eu fosse um corvo, com certeza seria um pesadelo.

Sob a manhã cinzenta, fria, me visto e acordo.

#### prosa curta II

13 de Outubro, 2009, 14:25.

Faltava pouco para os 25  
anos. Ela já tinha feito 21.  
Blackjack. Última conversa.

Foi uma despedida dolorosa. Chorando ela me disse: "eu podia te fazer feliz". Mentira, nós dois sabíamos. Ela não era o novo álbum do Revelação, ao vivo no morro.

#### prosa curta III

15 de Agosto, 2020.

Cheguei em casa. 14 para as duas da tarde. Meu quarto estava aberto, meu guarda-roupa não estava trancado. Atípico.

- Adivinha quem esteve aqui?  
- Imagino quem tenha sido, vó.  
Inacreditável.

- Veio chorando, dizendo que tu tinha feito um monte de coisa horrível. Ela é mais um rapazinho. Disse que veio pegar as coisas dela.

- Coisas dela?

- Sim. Veio aqui, abriu o guarda-roupa e tirou tudo que era dela. Não quer deixar nada dela aqui. Eu não entendi nada, o que tu fez hein?

- Na minha cabeça nada de tão grave.

- Gabriel, meu Deus do céu! Não sei. Ela veio aí, do mesmo jeito que entrou, saiu. Levou umas besteiras dela, um álbum velho e umas roupas. Saiu aí de sacola na mão com tudo junto.

- Sem nem avisar que estaria aqui. Achei errado isso.

- Menino, não vai falar besteira.

- Não preciso. Zero contato.

Celular com várias mensagens de um contato sem foto. Bloqueado. "Queimei todas as fotos que eu tirei contigo. Todas as que eu tinha guardado rasguei. Não quero mais nada meu contigo e tudo que tu me deu eu to jogando fora. Apaga meu contato".

Graças a Deus o nome dela não fazia rima, assim não precisei me desfazer de nada.

## **escadas**

Estas escadas me trazem o mais fúnebre lapso de tempo. Elas me levam a alguma merda de lugar e me trazem de volta a alguma merda de lugar. Eu não gosto de ir a nenhum lugar, eu gosto das escadas. Gosto dessa sensação de vácuo que permeia minha alma, desse vazio quente e instável, de ouvir minha respiração enquanto eu expiro. As escadas vão roubar minha vida um dia ou me levar aonde eu preciso ir, o que vier primeiro é válido.

As escadas afundam até o térreo ou até mais longe. Alguns engenheiros não vêem essas escadas com meus olhos, eles não sabem até onde vão as escadas. Eu sei. Sei que elas não param em lugar algum. Escadas são o conjunto de concreto mais móvel que existe depois da própria Terra.

## **propaganda**

O cérebro é uma máquina associativa fadada a repetir os mesmos valores que recebe e tem como padrão. A sociedade é uma miscelânea de valores tão grande que opinião própria e coletiva se confundem e se fundem, tornando a tarefa de assumir um espírito social único um problema complexo beirando o impossível. E onde fica o amor entre máquinas e valores? O amor é aprendido em filmes americanos, novelas

e vendo sua família em churrascos de domingo. Segundo minha própria definição atual de amor a partir do estudo social que faço há 15 anos (tenho quase 20 hoje, mas sempre fui muito chato com essa mania de investigar padrões) ele seria:

1. Amor: uma droga auto infligida e compartilhada com alta capacidade de dependência. Costuma deixar seus usuários alheios a si mesmos; seus sintomas incluem dor de cabeça intensa, palpitações, dores no corpo, suor excessivo, falta de fome e eventuais mortes. Recomenda-se um médico com o agravar dos sintomas, pois é facilmente confundida com doenças de estação.

2: Tempero colorido usado em perfumes, séries de TV, filmes, novelas, bolsas, roupas e demais produtos para deixá-los mais atrativos.

3: Dividir uma coxinha num sábado à tarde.

Obs: tal qual o crack em meados dos anos 80, o amor também pode ser confundido com uma divindade vista somente por seus usuários.

Há alguns anos a humanidade percebeu que poderia corromper seu próprio ser e vender sua essência em potes bonitos, o que claro, gerava desconforto em alguns mas que eventualmente acabou se tornando um padrão interessante para empresas que apostavam mais no contato humano.

Amar se tornou uma necessidade básica (não que já não fosse antes, mas era melhor quando não havia alguém para nos avisar dessa necessidade) tal qual beber ou tentar sentar na cadeira mais alta do ônibus. E então as pessoas tentam encontrar mais e mais de uma droga que, como um easter egg, sabem que existe escondido em algum lugar mas não têm ideia de onde encontrar. Os resultados acabam por ser os mais diversos; desde uma geração inteira com problemas de relacionamento a casais que estão juntos por um vício, dispostos a se sugarem até que não aja mais amor, apenas propriedade. Não se ama, consome-se amor. Usando de uma ou outra pessoa até que se esgote e tenha que ir para outra. A aposta no Pé Grande ou no Santo Graal da felicidade trouxe-nos apenas o descontentamento de um açúcar sintético e o amargor da pós ingestão. A gélida sensação de que algo falta mesmo nos momentos mais reais.

Mas há sempre o que se falar de tantas pessoas que passam a vida tentando arrancar de si mesmos um ideal forjado em fábrica. Perdoem-me as unhas pelos estragos feitos roçando o próprio peito, as tentativas são em vão mesmo numa época em que a pluralização ideológica do amor é difundida com golpes de propaganda. Ama-se menos,



cobra-se mais. Toda a assimilação do horário nobre numa busca enfadonha pela resposta óbvia do beijo técnico: o amor morreu num comercial de margarina.